

COLETIVA BASURAS: aproximações a partir da crítica feminista de Buckley à teoria e à história do Design

BASURAS COLLECTIVE: approaches from Buckley's feminist critique of Design theory and history

BALBO, Marcela Gonçalves; Mestranda; Universidade Federal do Paraná (UFPR)

marcelabalbo@ufpr.br

ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa; Doutora; Universidade Federal do Paraná (UFPR)

claudiazacar@ufpr.br

Resumo

Este artigo realiza uma exploração inicial acerca da coletiva Basuras, que produz material gráfico politicamente engajado a partir de uma perspectiva feminista, e suas relações com os Estudos em Teoria e História do Design. Essa exploração foi realizada a partir da análise dos artigos: “Made in patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design” (1986) e “Made in patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design” (2020), ambos da pesquisadora britânica Cheryl Buckley, pioneira na crítica feminista à historiografia do design. Em um segundo momento, foi realizada uma análise descritiva e exploratória de redes sociais, avaliando a autodescrição da coletiva e suas produções publicadas e traçando possíveis relações entre as ideias da autora revisada e os materiais analisados.

Palavras Chave: coletiva transfeminista; teoria e história do design; crítica feminista.

Abstract

This article conducts an initial exploration of the collective Basuras, which produces politically engaged graphic material from a feminist perspective, and its connections with Studies in Design Theory and History. This exploration was carried out through the analysis of the articles: “Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design” (1986) and “Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design” (2020), both by the British researcher Cheryl Buckley, a pioneer in feminist critique of design historiography. Subsequently, a descriptive and exploratory analysis of social networks was performed, evaluating the collective's self-description and its published productions, and drawing possible connections between the ideas of the reviewed author and the analyzed materials.

Keywords: transfeminist collective; design theory and history; feminist critique.

1 Introdução

O presente artigo surgiu a partir de um ensaio desenvolvido para a disciplina de Estudos em Teoria e História do Design do Programa de Pós-graduação em Design da UFPR. A proposta do ensaio era apontar as possíveis relações entre os autores lidos e debatidos em sala e um tema relacionado à dissertação de mestrado que, neste caso, tem a coletiva Basuras como um dos objetos de pesquisa.

A coletiva Basuras foi idealizada inicialmente pela artista e designer Bea Lake, pela artista Yasmin Faria e pela jornalista Gabriela Giannini; porém apresenta, segundo Lake em entrevista concedida à Bruna Alcântara, uma “equipe não-fixa, autogestionadas por projetos nas pesquisas, ideias e colagem [...] uma rede de manas que somam colando os materiais” (Alcântara, 2021, penúltima resposta).

A coletiva Basuras se autodescreve em seu perfil do Instagram como uma “coletiva transfeminista autoconvocada latino-americana de comunicação popular que okupa as ruas com arte e informações”. Dentre os projetos que promove, destaca-se a produção e aplicação de lambe-lambe de caráter político-social de protesto. Nesse suporte, é possível perceber a utilização de diversas técnicas – ilustração, escrita, fotografia, estêncil – e de temáticas ligadas especialmente a questões de direito das mulheres – como aborto, assédio, visibilidade trans -, porém não restritas a elas - incluindo temas como educação sexual, conscientização sobre a ditadura de 64, entre outros. Em seu perfil do Youtube, Basuras (20--, “Sobre”) descreve-se como

[...] uma coletiva latinoamericana que produz conteúdos elaborados a partir de uma perspectiva feminista e anticapitalista de assuntos diversos como meio ambiente, política, corpos dissidentes, autonomia popular, direitos humanos, entre outros. A coletiva nasceu no Brasil, durante as eleições presidenciais de 2018, com campanhas informativas nas ruas sobre política e combate a fake news. Desde então, desenvolvemos materiais como zines, lambes, informativos, audiovisuais, oficinas e intervenções urbanas

A partir de um contato inicial com os dados sobre a coletiva, ficou evidente a necessidade de realizar uma análise segundo um referencial que estabelecesse fundamentos da crítica feminista à teoria e à história do design. Nesse sentido, o olhar voltou-se para a pesquisadora britânica Cheryl Buckley, que há mais de quarenta anos atua e produz pesquisa na área de design, com enfoque na teoria feminista e de gênero. Ela é citada por outras/os autoras/es relevantes da disciplina, tais como Campi (2013) e Margolin (1995) como uma referência importante para a crítica à historiografia do Design e, por esses motivos, seu trabalho foi selecionado para servir de base para essas análises preliminares acerca da coletiva.

É importante salientar que a análise proposta por este artigo, feita a partir da revisão de literatura focada em uma autora específica, foi realizada através de uma visão exterior à atuação da coletiva, por meio da observação de suas publicações em redes sociais, a fim de tecer uma ideia inicial acerca de possíveis relações de suas práticas com a teoria e história do design.

O artigo foi separado em dois momentos: o primeiro, uma revisão sobre as questões e posicionamentos de Buckley em seus textos “Made in patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design” (1986) e “Made in patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design” (2020); o segundo, uma descrição e análise das produções da coletiva e de como se apresenta, considerando possíveis articulações com o ponto de vista da autora revisada. Esse segundo momento da pesquisa englobou a análise descritiva das redes sociais “Youtube” e “Instagram”, a primeira com descrições individuais de todos os vídeos disponíveis e a segunda com uma descrição geral, resumida em uma tabela, devido à grande quantidade de postagens rede. Após

a descrição, foram realizadas possíveis aproximações entre a coletiva e a autora.

2 A crítica feminista de Buckley à historiografia do Design

Cheryl Buckley atua na área de História da Moda e do Design. Com foco em estudos de gênero e teorias feministas, suas pesquisas abrangem a área de cerâmica, moda, identidades femininas e cotidiano. Com uma história sólida e longa na academia, Buckley se consolidou como uma figura importante dentro da área do design e uma autora fundamental em estudos de gênero, como afirmado anteriormente através da citação por outros autores reconhecidos.

A análise dos dois textos definidos é interessante não apenas pela sua autoria, mas também pelo estabelecimento de temporalidade entre eles: o primeiro texto foi desenvolvido nos anos 1980, quando estavam emergindo as discussões sobre design a partir de perspectivas feministas; o segundo, por sua vez, foi escrito em 2020, quando os debates sobre gênero já estavam mais difundidos na área, fortemente informadas pelos feminismos interseccionais e os estudos de gênero.

No primeiro texto analisado “Made in patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design”, escrito em 1986, evidencia-se a postura de Buckley em relação ao papel do historiador na continuidade da marginalização das mulheres na área do design, através da adoção de métodos historiográficos, julgados inadequados pela autora, da não consideração do contexto patriarcal e sua influência na sociedade e da reiteração de preconceitos baseados em uma visão machista.

A proposta da autora, porém, não é a de reiteração de relatos do tipo autor/obra, em que se enfatizam os feitos de “heróis” do design, por meio da construção de um cânone composto por mulheres. Apesar de reconhecer a importância de incluí-las nos relatos históricos, ela propõe uma revisão das formas de escrever a história. Dentre os métodos historiográficos criticados, se explicita a monografia, já que essa ferramenta desconsidera o “design não nomeado, sem atribuição ou coletivamente produzido” (1986, p. 11). Advindo da história da arte, Buckley caracteriza essa forma de estudo como simplista e aponta que contribui para a marginalização da mulher no design, na medida em que, nesse tipo de estudo, “Designs extraordinários são julgados em termos de criatividade e excepcionalidade individual” (1986, p. 10) e a criatividade, no sistema patriarcal, é considerada uma característica masculina.

A autora reforça, portanto, que o design é uma construção coletiva, envolvendo toda a cadeia de pessoas dos processos de projeto, produção e consumo/utilização, e que apenas através do estudo desses grupos é que se pode “[...] determinar o significado de um determinado design em um momento histórico específico [...]” (1986, p. 7). Para Buckley, ao contrário do que se subentende do estudo a partir apenas da perspectiva de designers, os produtos do design são polissêmicos, interpretados segundo os códigos culturais desses diferentes grupos.

Segundo a autora os códigos estéticos e sociais guiam o design e, numa sociedade burguesa patriarcal, esses códigos são obscurecidos e “vendidos” como neutros, com o receptor tido como universal e não problemático. Em adição, haveria na historiografia do design o problema de que muitos historiadores da área não reconhecem a “ressignificação” do design realizada pelo consumidor/usuário.

De acordo com a leitura de Buckley, é possível depreender que a atuação e as necessidades das mulheres estão inseridas no patriarcado. Para a autora (1986, p. 12),

Os códigos culturais das mulheres são produzidos no contexto do patriarcado. Suas expectativas, necessidades e desejos tanto como designers quanto consumidoras são

construídos dentro de um patriarcado que, como eu argumentei, prescreve um papel subserviente e dependente para as mulheres. O outro lado desse ponto é que os códigos do design, como usados pelo designer, são produzidos dentro do patriarcado para expressar as necessidades do grupo dominante. Eles são, portanto, códigos masculinos.

Nesse sentido, como forma de alienação, o design é apresentado como universal e o grupo dominante - a quem os códigos representam - tem seus interesses atendidos.

A presença marcante do valor de uso e paralelamente a ausência do valor de troca é outro problema apontado enfrentado pelas mulheres, que veem seus produtos sendo utilizados cotidianamente sem ter seu valor reconhecido. Sua participação na história do design é apagada devido ao atrelamento do conceito da área a um “estudo de objetos produzidos em massa” (Sparke 1983 *apud* Buckley 1986, p. 7), enquanto a produção das mulheres muitas vezes se deu de forma artesanal, uma vez que não possuíam acesso às ferramentas de fabricação em série. Nesse mesmo sentido, Buckley (1986) aponta para uma valorização maior de atividades tidas como masculinas - como pode ser visto pela valorização do design industrial - consideradas mais cultas, em detrimento das convencionadas como femininas - como o design têxtil -, consideradas provenientes de um instinto natural das mulheres (Ortner, 1972 *apud* Buckley, 1986).

No início do segundo texto analisado, “Made in patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design” (2020), Buckley resgata pensamentos de seu primeiro texto como a ideia de que e a marginalização das mulheres no campo do design era mantida pelo método utilizado pelos historiadores, que focava na figura do designer como o detentor de significado e figura principal no estudo e a de que ideologias como a do “bom design”, o design como ferramenta de progresso, e o compromisso com o modernismo estavam enraizados na mentalidade das pessoas.

Segundo Buckley, a complexidade do pensamento feminista aumentou com o passar do tempo e muitas pessoas não se sentiram/sentem atendidas pelo feminismo associado às mulheres brancas e de classe média. A autora faz adesão a uma visão interseccional do design. Para ela:

De fato, pode-se argumentar que ao abordar o design através do prisma das mulheres, o design é melhor iluminado. Revisitar o feminismo como defendido por Ahmed pode fornecer algumas ferramentas úteis para expor as prioridades ideológicas e os sistemas de valores embutidos no design (2020, p. 23).

Nesse trecho, a autora cita a pesquisadora feminista Sara Ahmed, que considera a importância de trabalhar a categoria gênero articulada a outros marcadores sociais, como classe e raça.

Baseada em autores como Judy Attfield, Susan Stewart e Hazel Clark (esta última com a qual trabalhou em conjunto), a autora coloca em questão a diferença do Design com “D” maiúsculo, que refere-se a produtos “elevados”, e o design com “d” minúsculo - ambos conceitos de Attfield (Attfield, 2000 *apud* Buckley, 2020) -, que abarca os demais objetos do dia a dia; conseqüentemente, questiona quem seriam “designers”, defendendo a ideia dos de que pessoas não especialistas criam e produzem artefatos no cotidiano e exaltando a importância de seus produtos e serviços para a política e a falta de importância relegada a eles, apesar disso.

Buckley defende o uso de uma perspectiva de análise, “de ver o mundo”, proposta por John Brewer (2010 *apud* Buckley, 2020): a história de refúgio, que - em contrapartida à história de perspectiva unívoca e generalista - é marcada pela atenção ao íntimo, por um olhar de perto, detalhista, pela compreensão da multiplicidade de vozes e da complexidade que compõe as práticas e relações sociais.

A ainda escassa quantidade de pesquisas publicadas tendo designers mulheres como foco

confirmariam a marginalização das mulheres na área do design. Pode-se inferir através de seu texto que, para a autora, as universidades britânicas valorizam cada vez mais atividades práticas voltadas ao mercado em detrimento de áreas teóricas como história do design.

Para Buckley, a visão feminista tem o potencial de questionar e compreender suposições dentro da área do design. O design, concomitantemente, a autora caracteriza como vital no cotidiano.

3 Basuras coletiva sob o enfoque da teoria feminista de Buckley

A palavra que dá nome à coletiva Basuras é oriunda do espanhol e seu sentido pode ser compreendido através da legenda em uma postagem sobre o zine “paixão de cristo pelo capital” realizada no Instagram.

[...] vínhamos perdendo nossa autonomia, nossa voz dentro do próprio coletivo. não é justo que esse movimento e quem o faz sejam silenciados. neste processo de perceber no que tínhamos nos metido, surge basuras. desintoxicação dessa ideia de produção hegemônica, de gourmetização. significa lixo em espanhol [...] (Basuras Coletiva, 2020).

Como visto anteriormente nas descrições da própria coletiva Basuras, seu surgimento se deu em 2018 em meio a um contexto de efervescência política. A fim de compreender melhor a coletiva, descrever as primeiras impressões, externas a ela, e tecer relações com a Teoria e História do Design por meio da autora feminista Cheryl Buckley, as publicações e descrições da coletiva em suas redes sociais - Youtube e Instagram - foram observadas, descritas e analisadas.

O Youtube da coletiva está ativo há quatro anos e, atualmente, conta com 111 inscritos, 10 vídeos (1 deles classificado na categoria “shorts”) e 823 visualizações. Os vídeos, em sua maioria (7 vídeos) são curtos, variando entre 1 e 3 minutos, em média; dois são ligeiramente mais longos com uma média de 9 minutos; o shorts, como sua própria categoria indica, apresenta por volta de meio minuto.

Sua publicação nessa rede é esporádica, apresentando dois vídeos em 2020, três no ano de 2021 e cinco em 2022, enquanto o ano de 2023 permaneceu sem publicações. Os primeiros seis meses de 2024 também não apresentaram novos vídeos.

O primeiro vídeo de 2020 observado é o que mais se diferencia em questão de conteúdo, retratando as revoltas políticas vivenciadas no Chile em 2019 e início de 2020 e que exigiam melhorias sociais, direitos e uma nova constituição. Seu conteúdo, gravado em 13 de dezembro por duas brasileiras, foi editado e tratado como filme pela coletiva e a esse vídeo publicado, acrescentou-se a composição de uma zine, que foi disponibilizada gratuitamente online. O segundo vídeo retrata a ação de colagem de artes realizadas pela “chamada aberta pelo aborto legal” (Basuras, 2020).

As duas primeiras produções de 2021, por sua vez, focam na questão da escassez hídrica: uma, o registro de uma ação de lambe-lambe; o outro, um vídeo informativo acerca da seca do Rio Passaúna com notícias, entrevista, registro imagético e da ação conjunta de lambe-lambe da coletiva Basuras com a Avivar. O terceiro vídeo é referente à chamada aberta com a temática da legalização do aborto, especificamente à colagem de um mural no 28 de setembro (Basuras, 2021).

Por fim, os vídeos de 2022 dão continuidade à pauta da legalização do aborto, iniciada no Youtube no ano anterior. O primeiro deles se trata de um curta documental que registra a ação conjunta de colagem de lambe-lambe entre a Basuras e a Rede Feminista de Saúde; a arte colada divulga em diversas cidades e capitais do país a pesquisa “Criança não é mãe”, a qual foi produzida

pela Rede e, no curta, é possível verificar falas sobre a pesquisa realizada. O segundo vídeo traz uma imagem de zine ao fundo e a colagem de um mural à frente, enquanto um fragmento de texto-manifesto pode ser escutado em áudio; todas essas produções foram parte da ação "Justiça Reprodutiva: território coletivo", que se estendeu a todas as regiões do país. A terceira publicação de 2022 é o curta produzido como parte da ação do movimento do vídeo anterior e conta com a captura de imagens de colagens de lambe, com declamação de poesia ao fundo da edição, e realização de entrevistas com integrantes da Casa Tina Martins. O quarto vídeo retoma a chamada aberta dos anos anteriores, explicando sobre como ela funciona e chamando para a produção de novas artes; ao longo do vídeo, é mostrada a colagem de várias artes e é introduzido o financiamento coletivo. A quinta e última publicação do ano de 2022 e até o momento da pesquisa é o registro de colagem das artes da chamada aberta relatada nos vídeos anteriores (Basuras, 2022).

É interessante destacar que os primeiros vídeos que mostram as colagens de lambe-lambe transmitem a ideia de pacificidade de ações, apesar da intensidade das causas defendidas, uma vez que o vídeo decorre em silêncio – ou com declamação de poema/música ao fundo do vídeo –, apenas com as integrantes realizando a ação, sem palavras de ordem e afins.

O perfil da Basuras Coletiva no Instagram, por sua vez, apresenta maior quantidade de postagens e seguidores, contando 199 publicações e 3.911 seguidores até o momento da pesquisa.

Sua descrição, também, apesar de mais sucinta que a presente no canal do Youtube, apresenta maior grau de complexidade: “coletiva transfeminista autoconvocada latino-americana de comunicação popular que okupa as ruas com arte e informações” (Basuras Coletivas, 20--, descrição do perfil). O termo “autoconvocada”, por exemplo, compreende um caráter de autonomia e espontaneidade baseado na crença da falta de efetividade das instituições vigentes, associado a um viés ativista com demandas sociais (Socolovsky, [s.d.]). Já o uso da palavra “okupa” com “k”, segundo Ferreira (2023, sexto parágrafo),

‘Okupar’, com “k”, figura desde 2007 no dicionário espanhol. Significa “entrar numa casa ou num edifício desabitado e instalar-se sem o consentimento do proprietário”. A introdução da letra “k” na palavra é totalmente propositada, pretendendo refletir a vontade de transgressão das normas, neste caso ortográficas.

Diferentemente da descrição dos vídeos do Youtube, devido à maior quantidade de postagens no feed, as publicações do Instagram foram avaliadas e descritas segundo sete tópicos: Ações desenvolvidas, Temas abordados, Ferramentas/Técnicas utilizadas, Nações representadas, Locais de atuação, Produtos vendidos e Ideais defendidos. O quadro a seguir resume a descrição dos posts de acordo com os pontos elencados.

QUADRO 1 - DESCRIÇÃO GERAL DAS PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM SEGUNDO OS TÓPICOS ELENCADOS

Ações desenvolvidas	Lambe-lambe (campanhas, ações, chamada aberta, protestos, intervenções), poster-zines, fanzines, zines, obras audiovisuais (curtas e documentais), oficinas (presenciais e online), posts informativos, colunas (catarinas), (rodas de) conversas organizadas, exposição online, intervenção urbana, manifestação, mobilização ativista, participação em eventos (mostra, feira, festival, exposição), participação em aula (facilitadora), ocupação de ruas, intervenção, cartaz, participação em ato.
Temas abordados	A confecção de lambe-lambe e estêncil, ditadura, luta antirracista e pela consciência negra, críticas político-sociais, ambiental e anticapitalista (plástico, escassez de água, agrotóxicos, corte de árvores e política higienista),

	aborto legal, justiça reprodutiva e combate ao abuso e à exploração sexual infantil, território livre, prevenção ao Covid e combate à fake news, caso Marielle Franco, justiça por Carol Câmpelo, 8M, visibilidade trans e travesti, violência contra a mulher (assédio), dignidade menstrual e direitos sexuais, direitos da comunidade LGBTQIAP+, luta antimanicomial, "colagem livre" (temas livres variados - Palestina livre sendo um dos exemplos ainda não citados), PL 1904;
Ferramentas/Técnicas utilizadas	Manual (desenho, serigrafia, estêncil), digital (impresso, online);
Nações representadas	Brasil, América Latina (destaque para Chile) e Caribe;
Locais de atuação	Ruas, estátua, ambiente online (posts, vídeos, exposição, coluna), ambientes fechados e/ou privados (mostra, feira, festival), instituições de ensino;
Produtos vendidos	Ecobags (serigrafia), zines, adesivos, patch, lenços;
Ideais defendidos	Feministas, anarquistas, anticapitalistas, antirracistas, antifascistas, ambientalistas

FONTE: da autora (2024).

Através do quadro, é possível perceber que apesar de, em um primeiro momento, a colagem de lambe-lambe se destacar, há uma multiplicidade de ações realizadas pela coletiva Basuras: zines, rodas de conversa, participação em eventos, etc. Nesse sentido, abarcam uma variedade de locais em sua atuação, com destaque para as ruas com o lambe-lambe e online com as publicações, além de ambientes fechados e/ou privados, com participações em eventos e até mesmo em oficina em ocupação, e instituições de ensino com participação em aula ou outras ações. Por vezes a atuação da coletiva se deu em conjunto com outros grupos.

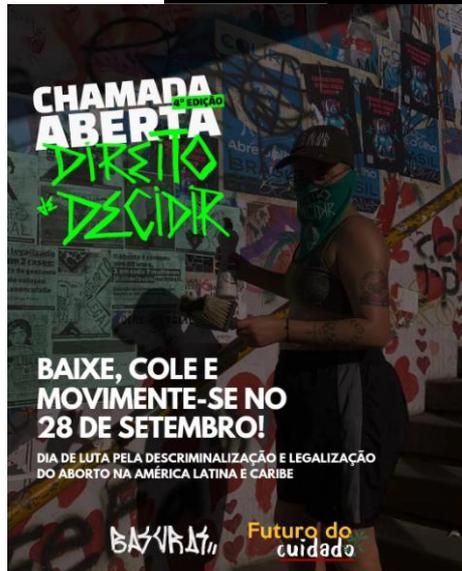
Outro tópico que se destaca pela diversidade é o de “temas abordados”, que abarca questões políticas, sociais e ambientais, com foco em questões feministas, tendo o tema do aborto legal e a justiça reprodutiva em recorrência devido à chamada aberta anual que realizam. Entre as técnicas utilizadas, encontram-se evidências do uso do digital (com impressos e recursos online) e também de recursos manuais (desenho, serigrafia, estêncil).

A coletiva busca abarcar em suas ações e chamadas as populações do Brasil, da América latina e do Caribe, embora atuem quase exclusivamente no Brasil (com exceção de duas ações específicas no Chile, uma venda de zine e outra com a gravação de cenas de protesto). Ao longo de sua comunicação, é possível perceber os ideais feministas, anarquistas, anticapitalistas, antirracistas e antifascistas compartilhados pelas integrantes.

Também é importante destacar que a Basuras conta com a venda de produtos autorais - ecobags, zines, adesivos, patches e lenços - e com financiamento coletivo. Além disso, em 2023 contou com o apoio do edital Futuro do cuidado.

A identidade atual da coletiva faz referência à arte marginal da pichação, com o nome Basuras em letras estilizadas segundo essa estética. A utilização desse tipo de escrita em outros momentos das publicações, associado a elementos “recortados”, rotacionados e rabiscados, alude às ações realizadas pela coletiva, principalmente no formato de colagem de lambe-lambe. As partes referenciadas podem ser verificadas nas imagens a seguir.

FIGURAS 1 A 5 - LOGO DA COLETIVA BASURAS E COMUNICAÇÃO VISUAL EM POSTAGENS DO INSTAGRAM



FONTE: Instagram Basuras Coletiva - @basurasss

As cores utilizadas reforçam a vinculação com os feminismos, sendo o lilás associado à luta pela igualdade de gênero, a partir da mistura das cores rosa e azul, e o verde ligado à luta pelos direitos reprodutivos, especialmente na América Latina.

O nome da coletiva, sua identidade e comunicação visual podem refletir o caráter crítico e a essência de desobediência evidente em suas ações e produções.

Outra característica presente percebida é a combinação da língua portuguesa e espanhola, o uso de trocadilhos e grafias “incorretas” de maneira proposital, ocasionando uma ressignificação/polissemia vocabular e remetendo à intenção de posicionar como um grupo ativista inserido no contexto da América Latina.

Por meio da concepção de zines e lambes da coletiva, realizada tanto por técnicas manuais quanto digitais, é possível discutir sobre a questão conceitual do design como o “estudo de objetos produzidos em massa” (Sparke 1983 *apud* Buckley 1986, p. 7). Sua produção, com as diferentes técnicas lado a lado, pode evidenciar ainda mais a defasagem desse conceito considerado excludente por Buckley: apesar dos diferentes procedimentos e das suas conseqüentes especificidades, o propósito crítico, público-alvo, suporte, etc. de suas produções se mantêm. Como um exemplo possivelmente mais aceito da área (ilustrações, composições tipográficas, cartazes), pode-se chegar a uma percepção de que o debate “reprodução mecânica e manualidade” é

problematizado por Buckley a partir de exemplos mais ligados a outros tipos de produções, como a tecelagem. No caso da coletiva, essa discussão se alarga para incluir também técnicas e suportes mais legitimados no design, como ilustrações, composições tipográficas, cartazes. Por sua temática e estratégias de produção e circulação, os materiais produzidos tensionam essa dualidade entre produção seriada e manual, explicitando como ela diminui as potencialidades do design.

Outro ponto abordado por Buckley que pode ser evidenciado pela atuação da Basuras é a ideia do design como um processo coletivo, não diretamente pela sua forma de concepção, mas a relação de proximidade entre organizadoras, produtoras e consumidoras, por exemplo, que influem direta ou indiretamente no design. Além disso, a colagem dos lambes em paredes e outras superfícies, passíveis da ação de outrem, possibilita uma maior percepção de polissemia e da ressignificação pela qual, como defende Buckley, o design passa. A retirada e destruição de lambes é um forte indício dessas questões abordadas.

Além disso, as temáticas críticas e marginais, somadas a uma linguagem escrita e visual disruptiva podem contribuir para colocar em xeque a ideia de neutralidade difundida dos códigos estéticos e de universalidade do design, questionando e compreendendo suposições dentro da área do design, por uma potencialidade feminista defendida pela autora. Esse caráter crítico pode contribuir, portanto, com a quebra da difusão de valores baseados no Bom Design e do designer como figura central nos estudos da História do Design, enquanto o contexto no qual se dá a criação do design é ignorado.

Tais produções, ainda, dão visibilidade a complexidades do feminismo não abordadas anteriormente, fazendo expandir discussões e podendo representar mais pessoas que antes não se sentiam identificadas. Alguns exemplos disso são o englobamento da visibilidade trans, travesti e não binária, a luta pela consciência negra, pela justiça reprodutiva e pela dignidade menstrual, a participação em ação colaborativa com outros grupos/coletivos em área de comunidade e em ocupação. Dessa forma, se afasta de um movimento elitista excludente e pode representar de maneira mais completa e equitativa o movimento feminista, a partir de uma abordagem interseccional que também é defendida por Buckley.

É pertinente, ainda, comentar sobre a extrapolação do âmbito domiciliar para o público que pode ser observado pelas ações da coletiva. Nesse sentido, o estudo da coletiva permite ampliar as análises propostas por Buckley, que discute como a produção de mulheres tem sido prioritariamente associada ao espaço doméstico, em sua perspectiva sobre a história do design.

4 Considerações finais

O artigo realiza uma leitura descritiva e exploratória inicial de um ponto de vista exterior à produção da coletiva Basuras, devido a uma restrição temporal. O próximo passo para a realização de dissertação futura será aprofundar o entendimento acerca do grupo a partir de uma pesquisa mais contextualizada, com o uso de recursos como entrevistas e possível pesquisa participante.

A leitura dos textos de Buckley “Made in patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design” (1986) e “Made in patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design” (2020) estabelece uma base para uma perspectiva feminista para o design, acrescentando ao debate na área em seu início e na atualidade.

Ao longo da análise descritiva das redes sociais da coletiva, pode-se perceber uma diversidade de temas, ações e locais de atuação, embora também seja visível a preponderância da

colagem de lambe-lambe nas ruas e da recorrência do tema da legalização do aborto devido à chamada aberta anual. Além da ação em conjunto dentro da própria Basuras, é importante destacar o trabalho em colaboração com outros grupos, o que pode contribuir para a noção do design enquanto prática coletiva.

A forma de organização e de ações de caráter coletivo com uso de técnicas digitais e manuais observados na Basuras entra em conflito com o estudo da história do design baseado na produção em série e realizado por meio da análise de uma figura central (o designer) e pode contribuir com a crítica de Buckley a essa prática, a qual ela afirma ser excludente e simplista. Outro ponto indicado de aproximação da autora é a interseccionalidade e a questão da influência de diversas pessoas no processo produtivo do design, característica que fica mais evidente na atuação da coletiva; nesse sentido, é possível perceber a importância do aspecto contextual, cujo estudo é defendido por Buckley. A influência do patriarcado, a polissemia no design, também figuram entre as observações acerca da coletiva. Através das descrições, é possível indicar que a Basuras contribui para a quebra da ideia de universalidade do design e traz visibilidade à pluralidade do movimento feminista e suas integrantes. Em contrapartida, um assunto não tratado pela autora analisada e a que a coletiva se relaciona é a extrapolação do âmbito privado para o público.

Para finalizar, é importante ressaltar que as observações e aproximações apontadas no artigo podem ser aprofundadas, e que outras relações além das mencionadas podem ser estabelecidas a partir da expansão da pesquisa e de seu referencial teórico.

5 Referências

- ALCÂNTARA, B. “ESTAR NA RUA OCUPANDO É RESISTÊNCIA”. **Blog Lambes Brasil**. 7 maio 2021. Disponível em: <<https://www.lambesbrasil.com.br/post/bea-lake-pr>>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. Canal Basuras Coletiva. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/@basurascoletiva>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. Perfil Basuras Coletiva. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/basurassss/>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Ação “Chamada aberta pelo aborto legal” de 2020**. Disponível em: <<https://youtube.com/shorts/W9qLSnJzDsc?si=sSSjVxKPWY227IIB>>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Ação de lambe-lambe !Criança não é Mãe!** Disponível em: <<https://youtu.be/FdIsLnHXgdQ?si=XNaTV5LtaNpjDIKO>>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Água que somos | Rio Passaúna**. Disponível em: <https://youtu.be/0vp_dh8hzqI?si=i7mBQRdwWjF1KURX>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Chamada aberta de artes pelo aborto legal**. Disponível em: <https://youtu.be/TfufZ_1tnZw?si=uGo9SywqUHUUeVNz>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Chega junto ampliar a nossa chamada aberta!** Disponível em: <<https://youtu.be/JDB4mtgeksM?si=skcoaU5D5edzi9fZ>>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **Colagem da Chamada Aberta em 2021**. Disponível em: <https://youtu.be/ZEnnD5OsD-I?si=fpUS_0mXxQqvv_-b>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- BASURAS COLETIVA. **CURTA | Justiça reprodutiva território coletivo**. Disponível em: <<https://youtu.be/BM9XpEBWlu4?si=9J0Tcr8ZDO9rWvvd>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BASURAS COLETIVA. **Fragmento texto-manifesto, por Brune Motta.** Disponível em: <<https://youtu.be/0JDsBLCETwA?si=BJC3u6MnaS8MiKTf>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BASURAS COLETIVA. **Postagem sobre a zine “paixão de cristo pelo capital”.** Instagram, 10 abr. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B-z0TWWpEjL/?img_index=1. Acesso em: 26 jun. 2024.

BASURAS COLETIVA. **próprio território.** Disponível em: <<https://youtu.be/mFbws3bLqUE?si=LoygbDfr6SblfFok>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BASURAS COLETIVA. **TRAILER | 1312 Registros de um Chile em revolta.** Disponível em: <https://youtu.be/T0SEu8j4qkE?si=M_ZPNJABCMnCtiM->. Acesso em: 3 jul. 2024.

BUCKLEY, Cheryl. Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design. **Design Issues**, Massachusetts, v. 3, n. 2, p. 3–14, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1511480>. Acessado em: 25 abr. 2024.

BUCKLEY, Cheryl. Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design. **Design Issues**, Massachusetts, v. 36, n.1, p. 19–29, 2020. DOI: https://doi.org/10.1162/desi_a_00572. Disponível em: <https://direct.mit.edu/desi/article/36/1/19/69382/Made-in-Patriarchy-II> Researching-or-Re-Searching. Acesso em: 25 abr. 2024.

CAMPI, Isabel. **Teorías Historiográficas del Diseño.** In: CAMPI, Isabel. La Historia y las Teorías historiográficas del Diseño. México: Editorial Desígnio, 2013. p. 31-103.

Cheryl Buckley. Disponível em: <<https://research.brighton.ac.uk/en/persons/cheryl-buckley>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FERREIRA, Joana Nabais. **Saíram de casa e quando voltaram deparam-se com “okupas”. Ocupações ilegais em Espanha aumentam.** 2023. Disponível em: <<https://eco.sapo.pt/2023/05/06/sairam-de-casa-e-quando-voltaram-deparam-se-com-okupas-ocupacoes-ilegais-em-espanhaaumentam/#:~:text=Okupar%2C%20com%20%20E2%80%9Ck,sem%20o%20consentimento%20do%20propriet%C3%A1rio%20%20pol%C3%ADticas%20ou%20sociais%20preexist>>. Acesso em: 10 maio 2024.

MARGOLIN, Victor. Design History or Design Studies: Subject Matter and Methods. **Design Issues**. V. 11, nº. 1 (Spring, 1995), p. 4-15. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1511610>.

MOVIMENTO AUTOCONVOCADO. In: Gestrado. Belo Horizonte: Yamilé Socolovsky. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/movimentoautoconvocado/#:~:text=Denominam%2Dse%20assim%20aqueles%20agrupamentos,sindicais%2C%20pol%C3%ADticas%20ou%20sociais%20preexist>ntes. Acesso em: 11 maio 2024.